

**A FALA DE HABITANTES
NASCIDOS NA CIDADE DE SÃO PAULO,
DE 66 ANOS EM DIANTE:
ABORDAGEM SOCIOGEOLINGUÍSTICA DO LÉXICO**

Irenilde Pereira dos Santos (USP/UNICSUL)
irenilde@uol.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho faz parte do projeto coletivo “Estudo sociogeolinguístico do município de São Paulo: o léxico – parte I”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística, da Universidade de São Paulo – GPDG/USP, cadastrado no CNPq. Além da coordenadora, Irenilde Pereira dos Santos, docente da Universidade de São Paulo, o GPDG/USP congrega os seguintes pesquisadores: Adriana Cristina Cristianini, Clézio Roberto Gonçalves, Márcia Regina Teixeira da Encarnação, Maria Teresa Nastro de Carvalho e Roseli da Silveira, todos os alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo.

Este projeto se inscreve no conjunto de estudos que se efetuam atualmente com vistas à constituição de bancos de dados lexicais para a elaboração de atlas linguísticos, na Universidade de São Paulo. Esses estudos, quase uma dezena, tiveram início em 1999, com a dissertação de mestrado de Lígia Maria Campos Imaguire, que esboçava um atlas linguístico da Ilha de Santa Catarina.

No presente projeto, buscam-se novos desafios. Ao enfoque exclusivamente geolinguístico, comumente encontrado em trabalhos dessa natureza, acrescentam-se sistematicamente contribuições da Sociolinguística. Por isso, adota-se a denominação sociogeolinguística. O outro desafio consiste na abordagem sociogeolinguística do município de São Paulo, cujo multiculturalismo salta aos olhos de todos.

A presente comunicação busca dar notícia sobre o andamento do projeto. Parte da abordagem da relação Léxico e Sociogeolinguística, que se constitui em parte do referencial teórico; fornece alguns dados sobre o município de São Paulo; expõe os principais procedi-

A CIDMAR TEODORO PAIS

mentos metodológicos adotados; e, por último, exemplifica uma provável análise para o *corpus* com o estudo semântico-lexical de um item lexical utilizado por sujeitos da última faixa etária.

LÉXICO E SOCIOGEOLINGUÍSTICA

Em face dos avanços das ciências da linguagem, é impossível começar qualquer abordagem do léxico sem passar, inicialmente, por uma reflexão, ainda que breve, sobre a natureza da relação entre língua e cultura.

Como elemento de interação social, a língua se constitui na via específica de que se servem os membros de uma comunidade, em suas relações intersubjetivas, para manifestar sentimentos, crenças e valores. Entretanto, mais do que um sistema verbal, na medida em que integra a cultura de uma sociedade, a língua expressa os aspectos sócio-histórico-ideológicos de grupos sociais numa determinada época com respeito a um tempo histórico. Cumpre acrescentar que, na interação social, a expressão da cultura de grupos sociais emerge da confluência da língua com os sistemas verbo-visuais. É justamente aí que se destaca a presença do léxico de uma língua, objeto da presente da pesquisa.

O léxico, por meio de seus sememas, faz sobressair o universo antropocultural de comunidades linguísticas, bem como assinala a natureza complexa da relação língua e cultura. Longe de se constituir em retrato dos aspectos sócio-histórico-ideológicos de grupos sociais, o léxico põe em foco processos sociais em curso na sociedade.

Trata-se de um movimento dinâmico registrado no uso lexical revelado pelos sujeitos, em sua atividade discursiva, a todo instante. Por vezes, um item lexical passa a ter um significado diferente quando utilizado por um outro sujeito. Ocorre, então, a ampliação ou restrição semêmica de acordo com o contexto. Outras vezes, utilizam-se itens lexicais diferentes para o mesmo objeto do chamado mundo referencial/imaginário. Em ambos os casos, quer seja pelo uso de parassinonímia, quer seja pelo uso de diferentes itens lexicais, as variações linguísticas indicam os diferentes lugares sócio-histórico-ideológicos de onde falam os sujeitos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Não menos significativo é o uso de itens lexicais que, classificados como formas em desuso ou inovações, retratam as rápidas transformações por que passa a sociedade. De um lado, situam-se os segmentos sociais conservadores que, radicados em determinadas localidades, mantêm determinadas formas lexicais. De outro, impõe-se a mudança trazida pela inserção dos meios de comunicação que provoca o surgimento de novos hábitos linguísticos nos diversos segmentos sociais. Acrescente-se a este último a grande mobilidade populacional verificada nas últimas décadas que não raro tem originado fenômenos linguísticos de vários tipos. Por conseguinte, aqui, a chamada variação lexical reflete principalmente o panorama multifacetado das mudanças sociais, em que coexistem elementos de conservação e de inovação, disputando ambos um lugar privilegiado no discurso.

Esses usos de itens lexicais assumem uma feição toda particular no saber/fazer geolinguístico. Voltados para a variação de caráter diatópico, do ponto de vista lexical, os estudos geolinguísticos e atlas linguísticos buscam descrever o uso lexical de uma comunidade. Dessa forma, enfocam a frequência e distribuição de itens lexicais num determinado espaço, destacando não apenas aquilo que se constitui em norma de um dado espaço, a saber, a norma lexical da comunidade, como empregos específicos de sujeitos, isto é, as normas de grupos sociais ou individuais. Ambas as normas integram os bancos de dados geolinguísticos.

Tradicionalmente, os documentos resultantes da pesquisa geolinguística costumam ser designados por atlas linguísticos, que, como o nome indica, constituem conjuntos de cartas que descrevem a variação diatópica. Dito em outras palavras, os atlas linguísticos descrevem a variação linguística numa rede de pontos, estabelecida por vários critérios, dentre os quais se destacam equidistância, configuração demográfica e importância sócio-histórica.

Dada a inclusão de outras variáveis na elaboração dos atlas linguísticos, um exame do saber/fazer geolinguístico aponta para a necessidade de denominar esses documentos de atlas sociogeolinguísticos.

Essa mudança se deve principalmente ao fato de que o estudo da variação diatópica implica a abordagem do espaço como uma área

A CIDMAR TEODORO PAIS

em que habitam grupos sociais de uma determinada época, com seus sentimentos, crenças e valores. Cumpre observar que não se trata da abordagem do lugar, tampouco da paisagem, mas do espaço, tal como ele é enfocado por Milton Santos (1996, p. 83):

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações realizadas entre o homem e a natureza. O espaço são essas formas *mais a vida que as anima* (...) Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objeto (...) Já *o espaço resulta da intrusão da sociedade* nessas formas-objeto (...) A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; *o espaço é um sistema de valores*, que se transforma permanentemente. (grifo nosso)

Como se nota, a presença humana constitui requisito para a definição de espaço, o qual está em constante transformação. Portanto, os itens lexicais constantes dos atlas linguísticos, inseridos no discurso dos sujeitos, expressam os aspectos sócio-histórico-ideológicos de uma rede de pontos, que desvela transformações. Nesse sentido, exprimem dados de caráter sociogeolinguístico.

Cumpre dizer também que, na moderna pesquisa geolinguística, por influência da Sociolinguística, para a seleção dos sujeitos leva-se em conta um rol de variáveis sociais. Assim, à variável diatópica – um dado ponto do espaço escolhido, em geral, aliam-se as variáveis de gênero, faixa etária e escolaridade. Desse modo, desenvolve-se efetivamente um trabalho que, ao focar um ponto, envolve variáveis linguísticas e sociais.

O MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Conhecida como uma das metrópoles mais desenvolvidas, populosas, modernas e violentas, só para citar alguns dos adjetivos mais frequentes, não apenas do País como também do mundo, a cidade de São Paulo exibe uma complexidade ímpar.

Na verdade, o município de São Paulo, ao lado de 38 outros municípios, inclui-se na Região Metropolitana de São Paulo, que se constitui no quinto maior aglomerado urbano do mundo, com 19 milhões de habitantes, vindo depois de Tóquio, Cidade do México, Seul e Bombaim. (São Paulo, 2007).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ocupando uma área de 1.509 km², com altitude média de 760 m acima do nível do mar, o município de São Paulo está dividido em 31 subprefeituras e 96 distritos. As 31 subprefeituras podem ser reunidas em cinco grandes regiões. Segundo o Censo de 2005, possui perto de 11 milhões de habitantes, equivalendo a mais de 50% da população da Região Metropolitana de São Paulo e pouco mais de 6% da população do País (São Paulo, 2007).

É banhada pelo rio Tietê, cujos principais afluentes são os rios Pinheiros e Tamanduatef. Faz limite com vários municípios: ao norte, com Caieiras e Mairiporã; a nordeste, com Guarulhos; a leste, com Itaquaquecetuba, Poá e Ferraz de Vasconcelos; a sudeste, com Mauá, Santo André, São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo e Diadema; ao sul, com São Vicente, Mongaguá e Itanhaém; a oeste, com Jquitiba, Embu-Guaçu, Itapeverica da Serra, Embu, Taboão da Serra, Cotia e Osasco; e, a noroeste, com Santana de Parnaíba e Cajamar. (São Paulo, 2007).

O município teve origem em 1554, com a chegada dos jesuítas, porém somente veio a se desenvolver a partir da segunda metade do século XIX, dadas as condições geográficas e comerciais favoráveis. Nessa ocasião, exerceu um papel considerável no comércio, possibilitando a integração entre o porto de Santos e o interior do estado. Viria a desenvolver-se efetivamente no século XX, com a chegada de imigrantes de vários países. Transformou-se rapidamente em importante centro industrial, atraindo milhares de migrantes de outros estados do País, sobretudo os do Nordeste.

Contudo, a partir da década de oitenta, um conjunto de fatores sócio-econômicos provocaram um crescimento urbano desordenado. Enquanto nas áreas centrais, as mais antigas, houve taxas negativas de crescimento, ou seja, os moradores abandonaram a cidade, na periferia, houve uma expansão populacional.

Segundo a Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de São Paulo, até a década de oitenta, todas as regiões da cidade tinham crescimento positivo, exceto a região central, constituída pelos seguintes distritos: Belém, Bom Retiro, Brás e Pari. Após esse período, a tendência ao crescimento negativo estendeu-se ao início da zona leste e partes das regiões norte, oeste e sul. Na década de noventa, perto de 60% dos distritos registravam índices negativos de

A CIDMAR TEODORO PAIS

crescimento populacional, excetuando-se os situados nas áreas mais longínquas da cidade, em geral aquelas limítrofes com outros municípios da Região Metropolitana, indicando um processo de *periferização*. Ainda segundo a Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo, "...se a aglomeração urbana continua a crescer em seu conjunto, isto se deve ao crescimento das áreas periféricas do Município de São Paulo e ao de grande parte dos demais municípios da Região Metropolitana." (São Paulo, 2007).

Além das particularidades relativas ao crescimento populacional desordenado e aos movimentos migratórios e imigratórios, a população se caracteriza pelas questões de gênero e faixa etária. De acordo com a Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo, seguindo o padrão encontrado em grandes áreas urbanas, a população de São Paulo vem sofrendo um processo de *feminização*, ou seja, tem sido crescente a prevalência de mulheres, sobretudo no grupo dos idosos. Também se nota um processo de *envelhecimento* da população, com um sensível aumento de habitantes da última faixa etária. (São Paulo, 2007).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO PROJETO

A presente pesquisa teve início no final de 2005 com o levantamento dos indicadores sociais e o mapeamento histórico-geográfico da região focalizada. A seguir, selecionaram-se as cinco grandes regiões que compõem a amostra e se constituem em pontos da pesquisa. Dada a complexidade da cidade, os pontos da pesquisa equivalem às cinco subprefeituras do município por zona.

Zona Norte: constituída dos seguintes distritos: Casa Verde/ Cachoeirinha; Freguesia/Brasilândia; Perus; Pirituba; Santana/Tucuruvi; Tremembé/Jaçanã e Vila Maria/Vila Guilherme.

Zona Sul: Campo Limpo; Capela do Socorro; Cidade Adermar; Ipiranga; Jabaquara; M'boi Mirim; Parelheiros; Santo Amaro e Vila Mariana.

Zona Leste: Aricanduva/Vila Formosa/Carrão; Cidade Tiradentes; Ermelino Matarazzo; Guaianases; Itaim Paulista; Itaquera; Mooca; Penha; São Mateus; São Miguel e Vila Prudente/Sapopemba.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Zona Oeste: Butantã; Lapa e Pinheiros.

Centro: Sé.

Após a segmentação do município em pontos, buscou-se um instrumento para a coleta dos dados. Decidiu-se pela utilização do questionário semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB, versão 2001, ao qual se acrescentaram outras questões de modo a contemplar o universo antropocultural de São Paulo. Em seguida, passou-se à seleção dos sujeitos. Optou-se pelas variáveis de gênero e faixa etária, tendo esta última sido definida a partir das três primeiras faixas etárias indicadas pelo Projeto ALiB. Enquanto o Projeto ALiB trabalha com as faixas I e III, no atual projeto, abordam-se também a faixa intermediária II e a IV.

O quadro abaixo ilustra a distribuição feita.

Faixa etária		Pesquisador
Número de ordem	Especificação	
I	18 a 30 anos	Roseli da Silveira
II	31 a 49 anos	Adriana Cristina Cristianini
III	50 a 65 anos	Márcia Regina T. da Encarnação
IV	66 em diante	Irenilde Pereira dos Santos

Como o município de São Paulo é extremamente populoso, é difícil um estudo de natureza linguística, em que as unidades de análise são complexas, com um número elevado de variáveis. Isso seria trabalho para uma equipe grande e para vários anos. Então, para que se possa levar a cabo a tarefa de modo satisfatório, definiram-se alguns pontos:

- realizar o estudo por etapas, de modo a ter uma distribuição que cubra todo o espaço;
- iniciar um estudo piloto, com um número relativamente pequeno de sujeitos, visando a testar o questionário, o referencial teórico e outros – procedimentos teórico-metodológicos;
- fazer uma avaliação dos resultados obtidos, ao final desta fase preliminar, com vistas ao aperfeiçoamento do projeto e, se for o caso, redirecionamento de procedimentos e rumos.

Neste primeiro momento, ou seja, no estudo piloto que ora se efetua, decidiu-se pela seleção de dois sujeitos, dos dois gêneros, em cada faixa etária, perfazendo um total de oito sujeitos. Para este pri-

A CIDMAR TEODORO PAIS

meiro estudo, possibilitou-se a opção por um dos três níveis de escolaridade: fundamental, médio ou superior. Dada a experiência de todos os pesquisadores no saber/fazer geolinguístico, cada um trabalha com o referencial teórico-metodológico já utilizado em estudos geolinguísticos de cunho semântico-lexical.

Após a avaliação dos resultados, pensa-se aumentar o número de sujeitos e, eventualmente, o número de pontos para que a rede fique mais densa. Pensa-se igualmente discutir o referencial teórico-metodológico de modo a aperfeiçoá-lo.

ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DE UM ITEM LEXICAL NA FAIXA ETÁRIA IV

Para o presente estudo, utilizam-se as falas de duas moradoras do município de São Paulo, ambas do gênero feminino, pertencentes à última faixa etária. A primeira, denominada sujeito A, tem 74 anos, e a segunda, denominada sujeito B, tem 77 anos.

Selecionou-se a questão – “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?” – questão n. 31 do Questionário semântico-lexical – QSL – do Projeto ALiB) (ALiB, 2001, p. 23). No QSL, as respostas prováveis são “estrela cadente”, “filante”, “meteoro e “zelação”. A questão seguinte – “E quando se vê uma _____ (cf. *item* 31), como é que se diz?” – constitui-se em complemento da atual, tendo sido também utilizada para a análise. A questão solicita do sujeito a nomeação dos verbos usados para expressar o movimento do fenômeno mencionado (ALiB, 2001, p. 23).

O presente estudo retoma um trabalho anterior – “Proposta de análise das designações de estrela cadente em atlas linguísticos brasileiros”, que buscava mostrar a distribuição da variação lexical nas áreas de abrangência reportadas, quais sejam, os estados da Bahia, Minas Gerais, Paraíba e Paraná, com base nos atlas linguísticos desses estados. Tomando como ponto de partida o levantamento efetuado nesses atlas, esboçava uma proposta de análise semântico-lexical de acordo com Pottier (1978) e Rastier (1987). Aqui, examinam-se as respostas dos dois sujeitos, confrontando-as com a análise feita para os demais atlas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

À questão n. 31, o sujeito A respondeu “cometa”, enquanto o sujeito B respondeu “estrela cadente”. Embora a segunda resposta se inclua no rol proposto pelo Projeto ALiB, ela não aparece em todos os atlas analisados. Em três dos atlas regionais – Bahia, Paraíba e Minas Gerais, aparece o item lexical “zelação”, ocorrência registrada em Houaiss (2003), Ferreira (1999) e Mourão (1987) como regionalismo referente ao nordeste do Brasil. Outro item que também surge em três dos atlas – Paraíba, Minas Gerais e Paraná – é “planeta”, mostrando a relação estabelecida pelos sujeitos entre um corpo celeste e o fenômeno “estrela cadente”. Encontra-se este último nos atlas linguísticos da Paraíba e de Minas Gerais.

A partir de Rastier (1987), pode-se dizer que “estrela cadente” se inscreve no domínio dos fenômenos que ocorrem na atmosfera terrestre entre os taxemas de natureza óptica ou acústica. Em seu semema, destacam-se os seguintes semas inerentes ¹:

- (i) fenômeno luminoso que ocorre na atmosfera terrestre;
- (ii) origina-se do atrito de um meteoróide com os gases da atmosfera terrestre;
- (iii) passa a ser incandescente e visível ao aquecer-se por fricção com a atmosfera terrestre;
- (iv) luminosidade produzida a uma altura de 110 a 150 km, desaparecendo por volta dos 80 km.

Na atividade discursiva, ao lado dos semas inerentes, emergem outros semas subjacentes, que se originam de processos de restrição, desvio ou ampliação do semema, do percurso até a fala. Por vezes, um determinado emprego contextual resulta num sema que acaba sendo integrado ao semema. Em geral, advém de crenças, valores, mitos, lendas e superstições de um segmento social que passa a ser usado na relação intersubjetiva num determinado espaço. Dessa forma, aos semas inerentes, próprios do domínio fenômenos atmosféricos, podem ser agregados outros semas, possíveis no contexto, em virtude das virtualidades presentes no semema de “estrela cadente”.

¹ Semas que se caracterizam como denotativos, distintivos, definitórios e universais e provêm do sistema funcional da língua (Rastier, 1987, p. 44).

A CIDMAR TEODORO PAIS

te”. Em que pese a estranheza, isso é um fato perfeitamente normal por causa do dinamismo presente na interação. Na verdade, esses fatos conduzem a novas interpretações dos dados linguísticos, a partir da compreensão do semema de “estrela cadente”. Cumpre acrescentar ainda os sememas dos itens lexicais que comutam com “estrela cadente” nesses contextos.

Essas interpretações podem ser vistas nas notas e observações dos pesquisadores, ou mesmo nos próprios itens lexicais nos quatro atlas. Na fala dos dois sujeitos do município de São Paulo, junto com os semas oriundos de dados advindos do mundo físico, surgem outros semas, resultantes de interpretações feitas pelos seres humanos ao longo dos tempos. Existem inúmeras crenças relativas ao poder de alguns fenômenos da natureza, presentes no imaginário popular, que atraíram a atenção de não poucos pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Em relação ao fenômeno “estrela cadente”, há diversas crenças, superstições e lendas relatadas por Mozzani (1996, p. 682-684) e Cascudo (1972, p. 359-360). Em geral, a interpretação mais marcante é o poder maligno ou benigno exercido pelo fenômeno.

A face maligna pode ser vista na associação de estrela cadente com morte e mau agouro. Segundo Mozzani (*id*), para os antigos, a estrela cadente era sinal de mau agouro, pois anunciaria a morte, desgraças ou graves acontecimentos. No século III na França, e a crença permanece até hoje, dizia-se que o aparecimento de uma estrela seria o anúncio da morte de um amigo, pois se acreditava que cada um teria uma estrela no céu que cairia tão logo a pessoa viesse a falecer. A direção do astro indicaria o lugar do falecimento.

Cascudo (*id*) discorre sobre esse aspecto de mau agouro, ressaltando a relação que o sertanejo estabelece entre “estrela cadente” e “cometa”:

Por isso, o sertanejo a (=estrela cadente) descreveria como um cometa que, ao correr, assusta-o – ‘Deus te guie’, resmunga, como seu bisavô minhoto ou algarvino, ou ‘Deus te guie, zelação’.

O sujeito A utiliza “cometa” para se reportar à estrela cadente, como alguns sujeitos do EALMG e do ALPR. Entretanto, longe de significar maldição, o aparecimento do cometa pode trazer o que se deseja, pois o sujeito A diz imediatamente, com voz de empolga-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ção – “pra ver se o namorado volta”. Liga-se mais ao que Cascudo reporta sobre uma superstição bastante difundida na Europa – “A passagem do aerólito, luminoso pelo atrito, concederá o que se pede, desde que o desejo seja enunciado enquanto durar o clarão.” (*id*)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente comunicação, buscou-se dar notícia sobre o andamento do projeto coletivo “Estudo sociogeolinguístico do município de São Paulo: o léxico – parte I”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Dialectologia e Geolinguística, da Universidade de São Paulo – GPDG/USP.

Embora o atual projeto tenha tido início no final de 2005, deita raízes em 1999, com a dissertação de mestrado de Lígia Maria Campos Imaguire que esboçava um atlas linguístico da Ilha de Santa Catarina. Ao longo desses nove anos, nas dissertações e teses defendidas, bem como nos artigos publicados, buscou-se desenvolver estudos visando à constituição de bancos de dados lexicais para a elaboração de atlas linguísticos. Após esse período de experiências bem-sucedidas, enfrentam-se novos desafios.

De um lado, efetuam-se pesquisas com vistas ao desenvolvimento de um referencial teórico-metodológico voltado para a Sociogeolinguística; de outro, elaboram-se estudos específicos para a cartografia linguística de São Paulo, município com uma notável complexidade linguística.

O presente trabalho é, de certa forma, uma mostra dos movimentos feitos até o momento para o desenvolvimento do projeto. Inicia com uma abordagem sobre a relação Léxico e Sociogeolinguística, salientando sua importância para a elaboração de atlas linguísticos. Após breve exposição de dados geográficos e demográficos do município de São Paulo, discorre sobre os principais procedimentos metodológicos adotados; e, por último, apresenta um exemplo de análise semântico-lexical dos itens lexicais dados como respostas por dois sujeitos da última faixa etária, correspondentes a duas questões do questionário semântico-lexical.

Por fim, é possível dizer que, superados os primeiros obstácu-

A CIDMAR TEODORO PAIS

los, esta fase inicial, longe de indicar resultados, aponta caminhos a percorrer com vistas à elaboração de um saber/fazer geolinguístico.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

ARAGÃO, M. do S. S. de; MENEZES, C.B. de. *Atlas linguístico da Paraíba*: v. 1: cartas léxicas e fonéticas e v. 2: análise das formas e estruturas linguísticas encontradas. Brasília: UFPB/CNPq, 1985.

BORBA, F. da S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CASCUDO, L. da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 3ª ed. rev. e aum. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

COLUCCIO, F. *Vocabulário geográfico*. Universidad Nacional de Tucumán; Instituto de Estudios Geográficos, 1952.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: UEL, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, C. da S. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador, UFBA/FUNDESC, 1987.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

IMAGUIRE, L.M.C. de *Estudo geolinguístico de municípios do Litoral Sul Paulista*: abordagem dos aspectos semântico-lexicais. 2 volumes, 431 p. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.

LEACH, M. *Dictionary of folklore mythology and legend*. Nova York: Funk & Wagnalls, 1950.

LUFT, C. P. *Dicionário eletrônico*. São Paulo: Ática Multimídia, 1998. 1 CD-ROM.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MONKHOUSE, F. J. *Diccionario de términos geográficos*. Barcelona: Oikos-Tau, 1978.

MOURÃO, R. R. de F. *Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

POTTIER, B. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença; Universidade Santa Úrsula, 1978.

———. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette, 1987.

RASTIER, F. *Sémantique interpretative*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1977.

ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1963.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Proposta de análise das designações de estrela cadente em atlas linguísticos brasileiros. **In**: *Anais do 27º Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná*, 2006.

SANTOS, M. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Planejamento. *Município em dados*. Disponível em: http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/md/index.php?texto=introducao&ordem_tema=2&ordem_subtema=13. Acesso em: 21/08/2007.